

A terapia familiar sistêmica. Em sintonia com o mundo [\[1\]](#)

Cristina Trullà i Trillas [\[2\]](#)

Embora a Terapia Familiar Sistêmica já tenha quatro décadas de história parece apropriado fazer uma apresentação deste tipo de enfoque terapêutico que, afortunadamente e apesar dos velhos esquemas que ainda regem o ensino oficial em nosso país, vai se espalhando de forma lenta, mas segura. Os responsáveis pela formação e treinamento de estudantes na área da saúde continuam colocando o saber sob premissas rígidas e de curto alcance, que impedem ao futuro profissional contemplar o ser humano de forma mais completa e inter-relacionada com seu mundo circundante.

A terapia familiar nasceu como uma resposta alternativa às limitações que sempre sofreram e sofrem os tratamentos individuais das pessoas que apresentam algum tipo de desequilíbrio emocional, afetando o curso normal de suas vidas. A história da Terapia Familiar Sistêmica é relativamente curta, mas ao mesmo tempo, intensa, apaixonante e cheia de esperanças em um futuro mais humano para a compreensão e tratamento dos transtornos inerentes ao próprio fato de viver. Além disso, afortunadamente, em virtude do pouco tempo de vida deste modelo de intervenção, os pioneiros de ontem são os grandes mestres de hoje e, embora de idades avançadas, continuam incansavelmente compartilhando conosco seus conhecimentos teóricos e práticos.

Na Espanha, a terapia familiar ainda é uma árvore frágil e necessitada de cuidados. Tanto na Catalunha como no País Basco a semente começou a germinar há apenas um par de décadas. Aquele broto que deu origem a

seu crescimento alcança hoje dimensões espantosas e, embora na atualidade suas ramificações se estendam além das terras mencionadas, fortes e cheias de vida, é imprescindível continuar “adubando” com carinho. É o que pretendemos com este artigo.

Novos e velhos esquemas

A terapia familiar de modelo sistêmico alimenta-se de raízes distintas às da maioria das terapias administradas aos indivíduos que apresentam problemas de adaptação às circunstâncias em que vivem. A concepção materialista e mecanicista que os ocidentais têm do mundo - desde que Descartes e Newton, principalmente, estabeleceram as bases do pensamento ocidental e científico [3]- nos induz a ver e a analisar a realidade de uma forma racionalmente prática, mas insuficiente, acabando por excluir, inevitavelmente, muitos dos fatores que conjuntamente intervêm no complexo fato de viver. Desta forma, já é uma tradição nos serviços médicos oferecer – no melhor dos casos -, psicoterapia individual às pessoas que apresentam transtornos emocionais e de conduta. Não obstante, na maioria dos casos, o tratamento fica reduzido à pura administração de psicotrópicos [4]. Em nossas terras (ocidente) não é habitual encarar o indivíduo como um ser co-dependente cujo bem estar também está relacionado às pessoas e circunstâncias que o rodeiam. De que serve eliminar com medicamentos os sintomas de uma crise de ansiedade (taquicardia, asfixia, insônia, fadiga, opressão pré-cordial, cefaléias, distúrbios intestinais...) se paralelamente não são abordados os conflitos emocionais que provocaram a crise (medo e insegurança devidos à morte de algum membro familiar, incerteza quanto ao futuro pessoal ou profissional, necessidade de apoio afetivo, etc?).

Temos o velho e questionável costume de separar e dividir tudo aquilo que nunca deveria ser separado para ser compreendido. Desta maneira, nossas limitações tornam-se muito evidentes quando pretendemos observar e analisar os acontecimentos de uma forma integral, que nos permita captar as múltiplas inter-relações que ocorrem em qualquer fato

inerente à vida. Simplesmente não aprendemos a fazê-lo porque jamais nos foi ensinado.

Esta visão fragmentada do saber manifesta-se de forma evidente na divisão que a medicina ocidental faz entre saúde mental e saúde física ou corporal [5]. Sabemos, entretanto, que o ser humano é um complexo sistema cuja vida depende do funcionamento inteligente, equilibrado e inter-relacionado dos distintos subsistemas que o formam e, ao mesmo tempo, o definem como espécie. Mas, apesar disso, nossa medicina moderna conta com um exército de eminentes especialistas [6] que parecem ter muito conhecimento sobre um subsistema específico (respiratório, circulatório, nervoso, endócrino...), mas não conseguem compreender a linguagem que um subsistema usa para comunicar-se com os demais. Torna-se fácil entender então, embora difícil de aceitar, o porque de um paciente (muito paciente) acometido de uma enfermidade – para obter um diagnóstico - tenha que, invariavelmente, bater em uma imensidão de portas, responder a mecânicos e burocráticos questionários, explicar repetidamente as mesmas coisas e submeter-se a diversos e, muitas vezes, incômodos exames complementares. No final, sua paciência será recompensada com uma etiqueta que dará um nome a seu mal. Mas, como toda etiqueta, será suspeitamente incompleta ou inclusive errônea, pois o único que se faz é aplicá-la a um ser humano rico, complexo, intra e inter-relacionado e em constante evolução. Desta maneira, nossa genuína necessidade de separar, isolar, ificar e etiquetar torna-se a principal responsável da nossa incapacidade para compreender de uma forma integral, sistêmica e holística, os acontecimentos sejam estes das mais diversas índoles.

Uma história de amor e violência

O indivíduo humano é um complexo sistema de funcionamento que requer complementaridade e harmonia de seus subsistemas orgânicos para gozar de saúde. Mas que ocorre quando nos referimos ao indivíduo em relação aos laços afetivos que este estabelece com outros seres e não

em relação ao seu próprio organismo? Que acontece quando este indivíduo pelo fato de relacionar-se converte a si mesmo em um subsistema e passa a fazer parte de um sistema maior que o inclui? O ser humano, como ser social que é, quase desaparece quando separado dos outros. Pensemos:... Para quem sorriríamos? Para quem prepararíamos amorosamente um jantar? Para quem comporíamos uma bela melodia? Com quem sonharíamos numa noite de lua cheia?

A essência humana nos diferencia do resto das espécies. Alguma coisa aconteceu na noite dos tempos que fez com que nos convertêssemos em humanos. A necessidade que as pessoas têm de compartilhar suas experiências, de ser reconhecidas e respeitadas em seus atos e pensamentos e de sentirem-se úteis para com os demais, traçam de maneira básica as características sociais humanas. São as condições de solidariedade [7] e colaboração as que nos têm mantido ao longo da história de nossa evolução como humanos. Entretanto, a lenda que estamos construindo desde aquelas remotas épocas não é cor de rosa. A menos que sejamos honestos e não estejamos cegos teremos que reconhecer que este paradigma que nos constituiu como espécie está gravemente ameaçado. Às portas do terceiro milênio não podemos, de modo algum, sentirnos orgulho dos conflitos que agitam continuamente o planeta azul. A milhões de espécies desaparecidas dos ecossistemas no último século, somam-se outras tantas ameaçadas de extinção. E nós, os humanos não somos exceção, viajamos na mesma “nave planetária”. O caminho que atravessamos de violência e destruição não nos pressagia, nem em sonhos, um futuro demasiadamente esperançoso. Parece-me então legítimo nos perguntarmos: Podemos continuar a nos auto denominar “homo sapiens sapiens”, quando estamos a ponto de nos converter em uma das espécies mais efêmeras entre todas as que gerou nossa mãe Terra? Seremos, entre todas as espécies que habitam este barco – sistema, os únicos que deixamos de compreender o mundo do qual fazemos parte?

A visão que Humberto Maturana [8], biólogo, neurofisiologista e estudioso dos sistemas vivos e dos fenômenos de auto organização

(autopoiese), tem da Humanidade é uma bela história, mas sem um final feliz. Entre os vários trabalhos deste investigador destacamos um, que por sua temática pode jogar alguma luz sobre o que tentamos colocar. Em sua reformulação da Teoria da Evolução das Espécies de Darwin, Maturana postula, que a humana é uma história de amor e colaboração, de modo que nossos antepassados haveriam se constituído graças ao aumento em suas vidas dos sentimentos amorosos e ao abandono paulatino da agressividade e da luta pelo poder, própria dos chimpanzés adultos machos. À medida que o chimpanzé fêmea foi expandindo seu período sexual e com ele, o período fértil, as relações amorosas foram ocupando um espaço cada vez maior, gerando emoções relacionadas ao cuidado e ao carinho em detrimento das provocadas pela agressividade e competição.

Segundo Maturana, a expansão da inteligência humana produziu-se graças à convivência amorosa da cooperação. O medo, a ambição e a rivalidade diminuiriam as atitudes inteligentes, enquanto que o amor seria o único caminho que facilitaria a aprendizagem, já que é próprio deste abrir espaço para a colaboração. Graças a essas características, conclui Maturana, a espécie humana teria evoluído. Inversamente, podemos supor que quando a história da humanidade deixar de ser uma história de amor, quando a balança pender finalmente para a agressividade e destruição, teremos dado a partida para a contagem regressiva de um relógio que nos levará, provavelmente, à eliminação mútua e à extinção de nossa espécie. De acordo com as investigações desse estudioso do humano, existe a possibilidade, mais que provável, de que o desaparecimento de ramificações anteriores da linhagem humana tenha sido provocada por suas condutas competitivas.

Somos destruídos pela soberba e pela arrogância. Nos consideramos auto-suficientes e a cegueira resultante disso não nos permite reconhecer a necessidade que temos de nossos congêneres e do resto das espécies e ecossistemas que fazem parte de nosso planeta. A incompreensão e a falta de solidariedade que implicam todo individualismo nos aproximam do triste “salve-se quem puder”. Conseqüentemente, as relações que

mantemos com os mais próximos são, freqüentemente, puro reflexo e sincronia do ar rarefeito que se respira no mundo. A cooperação brilha por sua ausência e a intolerância e os interesses dos mais poderosos espalham-se por todos os lados. Diante de nossa crescente incapacidade para escutar e apoiar os outros, cada vez mais, os consultórios acham-se saturados de pessoas afetadas por distúrbios relacionados ao estado de animo: estresse, depressões, psicoses, fobias. E, ultimamente, mais do que nunca, por síndromes pós-traumáticos derivados de todo tipo de violência e conflitos bélicos. Infelizmente, é uma realidade com a qual a maioria das pessoas está se acostumando a viver.

Do parcial ao global

Invariavelmente e como já é costume em nossas sociedades “avançadas”, os indivíduos que acabam sofrendo as conseqüências do mundo louco em que vivemos são separados do resto e, estudados e tratados individualmente. A pessoa não começa nem acaba em si mesma. O que é, o que lhe acontece, está necessariamente relacionado com as pessoas com as quais interage e com as situações nas quais atua [9] Apenas desde essa perspectiva é possível compreender qualquer transtorno que lhe ocorra no curso de sua vida.

A história da Saúde Mental no ocidente já é bem longa. Várias escolas, tradições, e enfoques foram aproximando-se a uma compreensão do homem segundo o ponto de vista de várias teorias. Algumas, é verdade, contribuíram para a amplificação ou revisão de construtos já existentes; outras não passaram de visões mais ou menos mecanicistas, coerentes com o discurso médico, imperante no contexto social onde foram idealizadas. Felizmente, as correntes de abertura que arejaram os anos sessenta facilitaram muitos dos enfoques usados atualmente no campo terapêutico. Conceitos humanistas, energéticos e espiritualistas, pouco a pouco, foram penetrando em um campo onde não foram aceitos ou compreendidos totalmente. De predomínio oriental, tais filosofias polvilharam de dúvidas o nosso saber científico e contribuíram e

continuam contribuindo para a formação de uma mentalidade mais aberta e flexível, que nos permita observar os fatos que nos dizem respeito desde distintos pontos de vista.

De qualquer modo e apesar das inúmeras influências de culturas distantes, os tratamentos psicoterápicos de hoje continuam sendo focalizados no indivíduo porque obedecem a toda uma visão fragmentada do saber e à ilusão de que somos auto-suficientes e de que podemos estar desligados dos demais. Nada mais distante da realidade. Embora pareça paradoxal, a autonomia pessoal só é possível se aceitamos o fato de que fazemos parte de um todo. O sentido de pertinência em um ser social como o humano é inseparável da autonomia. Um nível de pertinência sadio e equilibrado tornará possível, em consequência, um nível de autonomia igualmente equilibrado e sadio. Embora isso possa ferir o orgulho de alguns, temos que dizer que, no final, somos a soma do que pensamos que somos e do que os outros pensam a nosso respeito. De modo similar, também poderíamos pensar que nossas ações são o resultado híbrido do que queremos fazer e do que os outros desejam que façamos. Qual a proporção de um e de outro? A resposta é, proporção tão variada como distinta, de acordo com a idiosincrasia de cada um.

Do individual ao sistema familiar

No final dos anos cinquenta, um grupo de jovens, mas brilhantes e entusiastas terapeutas que trabalhavam em instituições psiquiátricas dos EUA [10] decidiram devido aos resultados insatisfatórios obtidos com as psicoterapias individuais, começar a trabalhar conjuntamente com os pacientes e suas famílias. Mais tarde, incluíam em seu projeto as instituições psiquiátricas que, apesar das boas intenções, favoreciam a cronicidade de muitas enfermidades. Após a introdução destas mudanças os resultados foram esperançosos.

Muito ocorreu desde então e hoje o caminho se encontra mais claro. Entretanto, como sempre ocorre com as inovações no âmbito do saber, as

dificuldades enfrentadas por esses desafiadores do saber oficial não foram poucas. Continuar com o projeto familiar e institucional implicou no enfrentamento de todos os tipos de obstáculos. Só os pioneiros conhecem o trabalho implicado no questionamento do saber oficialmente estabelecido. Mas isso foi apenas uma parte, porque a verdadeira dificuldade radicaria, principalmente, em que as teorias formuladas até então só colocavam as questões inerentes ao sujeito e ao seu mundo interno. Em que se apoiar então para entender e tratar uma família? Foi necessário construir postulados que refletissem a “linguagem” usada pelas famílias em sua maneira de relacionar-se uns com os outros. Desta maneira, com a força que dá a fé e a paciência que requer o conhecimento, começaram a desenvolver premissas e formas de intervenção novas que, pouco a pouco, foram ajudando a compreender melhor a dinâmica do sistema familiar.

A base principal em que se fundamentou a Terapia Familiar foi a Teoria dos Sistemas Gerais [11]. Aplicando os conceitos e leis dessa teoria ao trabalho com famílias foi possível reconhecer homens e mulheres como parte de um todo mais amplo – como subsistemas de sistemas maiores. Para o terapeuta familiar, a família converteu-se em uma unidade, em um único organismo; e assim, quando um ou mais dos membros do sistema colocavam um problema, a família passou a ser o lugar privilegiado para a intervenção terapêutica. Assim, a família observada como um sistema de relação vivo, com seus equilíbrios e desequilíbrios, com suas etapas de crescimento e estancamento [12], foi perfilando um caminho terapêutico onde o paciente designado (portador do sintoma) não era nem o mais, nem o menos importante dos membros familiares. Dessa maneira, o sintoma se converteu, basicamente, em uma espécie de sinal de alarme; um aviso de que algo não funcionava bem (crise) e de que algo tinha que mudar [13]. Os sintomas refletem uma tentativa do organismo ou sistema de curar-se e de alcançar um novo nível de organização. Sendo que a prática médica comum interfere, geralmente, neste espontâneo processo curativo ao tentar erradicá-los.

Poderia nos ser de utilidade, como exemplo, e para estabelecer um paralelo, pensar nos meios empregados pela medicina oriental para abordar a doença. Esta não centra toda sua atenção no sintoma; este não se converte no objeto direto de suas intervenções [14]. Ainda que os sintomas sejam usados para compreender as possíveis causas da enfermidade, a terapia em si não é encaminhada para a supressão destes [15], mas para o restabelecimento do equilíbrio energético do indivíduo, de modo a que um funcionamento e um intercambio mais adequado de fluxo de energia entre os diversos subsistemas possibilite a remissão do sintoma.

O uso da Tradicional Medicina Chinesa no ocidente é recente e sua introdução só foi possível graças à revisão dos paradigmas científicos, provocada pelos últimos avanços na moderna física quântica, que faz da energia o componente básico de tudo o que existe no universo. A relação existente entre a moderna visão dos sistemas e a milenar filosofia chinesa começa a delinear-se. O sistema médico chinês atual é holístico, apenas em teoria. Embora a dependência recíproca entre o organismo e seu meio seja examinada detalhadamente nos textos clássicos desta medicina, a maioria dos médicos atuais não tentam em sua prática, ocupar-se de modo terapêutico dos aspectos psicológicos e sociais da doença, tal como faziam os médicos chineses antigos.

Por outro lado, também na cultura xamanica, tão distante da nossa e situada em sociedades que a ciência encara como primitivas, contempla-se desde sempre este enfoque sistêmico ou holístico, se o preferem. A visão que os índios têm do mundo não é antropocêntrica como a nossa. Não vêem a si mesmos como o centro do mundo. Sabem que são co-dependentes de tudo que os rodeia e que sua sobrevivência está condicionada ao equilíbrio de todas as partes. Consideram igualmente importantes: o clima, a terra, a cultura, as leis, as relações com seus semelhantes e com as outras espécies e... com outros mundos. Assim, o xamã sabe que quando um individuo adoece não é a este em particular que deve diagnosticar, mas a todo o sistema comunitário e as circunstancias adjacentes. O xamã compreende que a doença desse

individuo (sintoma) é no fundo apenas um reflexo de uma doença ou desequilíbrio maior que afeta, inclusive, ao resto da comunidade. Baseado nesse conhecimento ele usa a força e o poder dos mitos de sua cultura para encontrar um novo equilíbrio, uma nova ordem para seu povo.

De forma similar o terapeuta familiar não trata apenas ao paciente, o portador do sintoma, seu trabalho visa restabelecer o fluxo relacional familiar de modo a conseguir uma estrutura de funcionamento mais adequada ou a devolver a homeostase perdida que permitiu a gênese de um ou vários sintomas em um ou vários membros do sistema familiar. Conhecer esta capacidade de todo sistema de auto-regular-se usando seus próprios recursos para encontrar um novo equilíbrio é fundamental para uma melhor compreensão da dinâmica familiar e de qualquer outro organismo vivo.

O terapeuta familiar confia plenamente na capacidade de reorganização e regulação da família como sistema vivo em crescimento. A terapia familiar busca primordialmente liberar as possibilidades não utilizadas ou infra-utilizadas do grupo familiar. A terapia é a procura do que não se conhece, mas tudo o que na realidade descobre a família junto com o terapeuta, já estava lá desde antes. A única coisa que o terapeuta faz - e não é pouco - é acionar os mecanismos que já se achavam no próprio sistema.

O terapeuta familiar não é um enfermeiro que cura, tampouco um assessor que dá conselhos e menos ainda, alguém que prescreve remédios milagrosos. O terapeuta familiar é um facilitador para a família. Um profissional que se compromete com o problema que provoca o sofrimento de um conjunto de pessoas que se relacionam entre si e que tenta, com a colaboração de todos, ultrapassar um caminho muito doloroso para ser usado diariamente.

Da psicanálise à terapia familiar

sistêmica

Na época em que a terapia familiar começou, a psicanálise havia se convertido, já há muito tempo, em um reino inquestionável que imperava na maioria das faculdades de medicina e psicologia e nas instituições de saúde mental, tanto as privadas como as públicas. Introduzir algo diferente ao que estava no poder foi encarado, como era de se esperar, como uma revolta contra a ordem acadêmica. É necessário esclarecer, entretanto, que o que estes recém treinados terapeutas questionavam não era o corpo teórico da Psicanálise – já que os pioneiros da terapia familiar tinham, em geral, formação analítica -, mas a estrutura do sistema terapêutico. A transformação que supôs passar de um terapeuta e um paciente a uma equipe de terapeutas e uma equipe familiar, foi a verdadeira mudança que fez com que se pudesse enxergar um leque de possibilidades e realidades inter-relacionadas, que antes não poderiam ser vistas desde um enfoque analítico. Desta maneira, um punhado de profissionais de saúde mental de orientação analítica foi mudando, pouco a pouco, o enfoque terapêutico e o hábito de mergulhar na mente torturada do assim designado enfermo. A partir desse momento, as diferenças com a terapia psicanalítica se acentuaram e quase nada voltou a ser igual para aqueles que postulavam outras realidades mais compatíveis com a natureza das leis da sociedade humana.

Os terapeutas familiares, assim como os psicanalistas, reconhecem a atração que o passado exerce sobre nós, e o fato de que, de algum modo, as pessoas vivem à sombra da família a qual pertenceram; mas, diferentemente, destes, reconhecem também o poder do presente e encaram a influência em curso dessa mesma família. O principal objetivo da terapia familiar é conseguir mudanças na organização familiar, tendo como base o fato de que quando se transformam as relações do sistema familiar, a vida de cada membro também se vê, conseqüentemente, transformada. A reunião dos membros da família e o trabalho terapêutico com eles facilita a elaboração dos conflitos, mas é, sobretudo, uma nova forma de abordar a compreensão da conduta humana em sua complexidade como formada fundamentalmente pelos contextos social e

cultural.

De qualquer maneira, não seria justo terminar essa exposição sem reconhecer o mérito dos grandes avanços realizados, graças aos estudiosos e humanistas da psicanálise em relação a compreensão do homem, sobretudo, de seu mundo interno. Eles também, como sempre ocorre na revisão do saber, sofreram a incompreensão de seu tempo. Os pioneiros da psicanálise também agüentaram todo tipo de ataque por parte do saber oficial que questionava freqüentemente a validade científica de seus postulados. Apenas para dar um exemplo, o corpo teórico postulado por Freud no início do século passado sobre as relações humanas e o papel que os impulsos libidinosos desempenhavam no indivíduo, foi uma espécie de bomba muito perigosa para a burguesia bem pensante e para os intelectuais de sua época.

Faz algum tempo, em um povoado do deserto mexicano, um ancião local me confiou:... Este lugar está cheio a maior parte do ano. Alguns são apenas curiosos (encontrava-me entre estes), mas a maioria vem de longe em busca da harmonia que se atribui a essas terras, sobretudo a um monte próximo que todos consideram sagrado. O que esse monte tem de especial? Perguntei. Une as pessoas, dá-lhes sua calma e sabedoria para compreender que todos somos irmãos. Depois voltam para seus lugares de procedência com mais conhecimento da natureza que nos cerca; me explicou ele. O que fazem para conseguir isso? Perguntei de forma ingênua. E ele respondeu: Comunicam-se com as forças que nos dão a vida; cada um a sua maneira, segundo as crenças de seu povo, de sua família e dos ensinamentos dos anciãos que conhecem a tradição curativa da alma coletiva.

Em nossa cultura ocidental não é comum comunicar-se com as forças que nos dão a vida pela simples razão de que não temos consciência de que essa “extravagância” seja possível. Mas, afortunadamente, também é verdade que floresce, ao mesmo tempo toda uma série de movimentos encaminhados para essa compreensão outra da realidade que nos rodeia e da qual somos parte.

Desta forma, todo conhecimento “novo” provoca, cedo ou tarde a revisão da verdade. Os sábios costumam rever suas idéias, nos aconselham outros sábios. É bom então avançar para o que se crê ser o melhor, o mais completo, o mais humano e deixar para trás aquilo que se julga de pouca utilidade para compreender, questionar e mudar as relações que mantemos entre nós e com o mundo ao qual pertencemos.

Esperemos que o tempo, como juiz implacável que é, mostre os acertos e os erros cometidos. E, quando isso ocorrer estaremos talvez muito longe e outros então deverão continuar o moroso trabalho de aproximar-se, cada vez mais, à tão esquecida essência humana.

[1] Trabalho publicado em <http://www.medired.com/spo> , revista eletrônica espanhola de psiquiatria.

[2] Psicóloga e Terapeuta Familiar

A.C. Servei de Psicoteràpia i Mediació

Barcelona – Espanha. E-mail: ctrulla@wanadoo.es

[3] Nos séculos XVI e XVII a visão do universo como algo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela concepção de um mundo similar a uma máquina em consequência das mudanças introduzidas na física e na astronomia que culminaram com as teorias de Copérnico, Galileu e Newton. Estas mudanças que terminaram sendo básicas para o pensamento da civilização ocidental foram completadas pelas teorias do filósofo e matemático, René Descartes. A filosofia cartesiana da certeza científica absoluta é ainda mais popular e se reflete no cientificismo racionalista que caracteriza nosso saber ocidental. Entretanto, a física moderna demonstrou que não existe uma certeza científica absoluta e que todos os nossos conceitos e teorias são limitados, limitantes e aproximativos.

[4] Jamais os seres humanos consumiram tamanha quantidade de drogas como agora (tanto as clandestinas como as adquiridas nos estabelecimentos farmacêuticos). Nos EUA, só para colocar um exemplo, uma grande maioria de donas de casa ingerem Prozac de forma regular. Tal medicamento também já começa a ser administrado a crianças e adolescentes.

[5] Desde que Descartes afirmou: “Penso, logo existo”, o pensamento racional se converteu no motor de nossa cultura. O homem ocidental chegou ao ponto de identificar-se com a mente em vez de com todo o seu organismo. Esta divisão do ser humano em duas partes, mente e corpo, reflete-se em todos os âmbitos do saber ocidental e, de forma mais clara, na medicina; os médicos de hoje, devotos da imagem cartesiana do corpo humano como um mecanismo de relógio, desprovido de emoções, não conseguem entender muitas das doenças que nos preocupam atualmente.

[6] É como se a medicina atual tivesse esquecido totalmente as raízes hipocráticas nas quais se baseou durante tantos séculos. Hipócrates, em um de seus aforismos, assinalava: “Todas as partes do organismo formam um círculo. Portanto, cada uma das partes é, ao mesmo tempo, princípio e fim”.

[7] Não me refiro aqui à solidariedade que exercem as ONGS e à daqueles que contribuem com elas economicamente – ultimamente tão em moda – mas a esse valor humano intrínseco que ao existir tornaria desnecessária as intervenções humanitárias de poucos, enquanto a grande maioria – inclusive os governos – consente e até fomenta o abuso, a espoliação e o genocídio, tanto de humanos como de outras espécies.

[8] A contribuição de Humberto Maturana, Prêmio Nacional de Ciências Biológicas 1994, é reconhecida. Representante da Escola Chilena do pensamento pós-racionalista, seus aportes são, entre outros, o repúdio ao racionalismo da “verdade objetiva única”, o papel da auto organização de

toda adaptação e conhecimento e o envolvimento do conhecimento do ser integral que desafia a dualidade cartesiana onde a mente e o corpo são observados separadamente. Para consultar seus estudos sobre a evolução humana, ver: Maturana, H., e Verden, G. Amor e Jogo: Fundamentos esquecidos do humano. Santiago do Chile: Instituto de Terapia Cognitiva, 1993 e Maturana, H. O sentido do humano. Dólmen Editores. Santiago do Chile, 1990. Ver também Maturana, H. e Varela, F. De máquinas e seres vivos. Autopoiese: a organização do vivo. Editora Universitária. Santiago do Chile, 1998.

[9] Situar os fenômenos dentro do contexto onde eles ocorrem é muito importante para compreendê-los. É muito diferente encarar a psicose como uma doença incurável e progressiva de uma mente individual do que entendê-la como a única resposta possível frente a um contexto absurdo e insustentável.

[10] Salvador Minuchin, professor de psiquiatria na Universidade de New York, diretor do Centro Familiar Minuchin da mesma cidade e um dos representantes máximos deste modelo, publicou um texto onde relata a origem da terapia familiar, ao mesmo tempo em que nos explica sua história pessoal e profissional. Uma leitura interessante para quem se interessa por este tipo de tratamento é o livro: Minuchin, S. e Nichols, Michael P. A recuperação da família. Relatos de esperança e renovação. Paidós, 1994.

[11] Um sistema é um conjunto de objetos ou sujeitos que se relacionam entre si graças aos seus atributos e que, ao mesmo tempo, interagem com o meio que forma um sistema maior. Assim, nenhum sistema ou subsistema vivo pode alcançar o equilíbrio isoladamente dos outros. A Teoria dos Sistemas Gerais é aplicada a todos os sistemas em evolução: biológicos, econômicos, políticos, ecológicos... Deste modo, a interação humana é descrita como um sistema de relação caracterizado pelas propriedades dos Sistemas Gerais. Durante quatro séculos a ciência se ocupou de relações lineares e progressivas do tipo causa-efeito,

excluindo toda uma série de fenômenos que não eram passíveis de serem analisados nos laboratórios. Constantemente foram realizados esforços para estudar a memória, a atenção, a inteligência, a percepção ou a autonomia pessoal, mas sempre em situações de isolamento artificial. Desde que os sistemas vivos têm relações cruciais com o meio parece inadequado e equivocada isola-los de maneira asséptica para estudá-los. Entre os principais autores à formulação da Teoria dos Sistemas Gerais destacam-se os químicos, Ilya Prigogine e Manfred Eigen; o antropólogo Gregory Bateson; os biólogos Conrad Waddington e Paul Weiss e os teóricos de sistemas, Erich Jantsch e Ervin Laszlo. A aplicação desta teoria à interação humana pode ser consultada em Watzlawick, P., Helmick, J., e Jackson, D. Teoria da Comunicação Humana. Barcelona: Herder, 1981.

[12] Ainda que a família seja importante para o equilíbrio do indivíduo, também é verdade que esta lhe impede a totalidade de sua expressão criativa, pois este se encontra limitado pelas normas e pautas próprias de sua família. A família, como todo sistema complexo, tende a conservação de suas características. Mas, frequentemente este organismo conservador, mais que em um equilíbrio, se instala na inércia e imobilidade que asfixia e impede qualquer movimento independente de seus membros. É então quando se deve intervir para liberar esse bloqueio no fluxo relacional. Só assim ela poderá retomar seu caminho rumo a evolução e ao crescimento.

[13] Por exemplo, a palavra chinesa para crise (wei-ii) compõe-se dos termos correspondentes a “alarme” e “oportunidade”. Os momentos difíceis da vida se convertem, para os chineses, em uma situação oportuna para mudar as estruturas que não permitem um funcionamento adequado.

[14] Geralmente, a medicina ocidental confunde o sintoma com a enfermidade. Em troca, entender o sintoma como um sinal, como uma metáfora da doença ou conflito, ajuda muito na compreensão do

problema e, portanto na aplicação de um tratamento adequado.

[15] Os médicos ocidentais, em geral, encaram a doença como um inimigo ao qual se deve vencer e eliminar. A pretensão utópica dos cientistas modernos de erradicar todas as enfermidades no futuro, obedece a uma visão deficitária e confusa do processo vital. Estar praticamente livre de qualquer doença é praticamente incompatível com a vida.